

## Resenha

### **COLLINS COBUILD INTERMEDIATE LEARNER'S DICTIONARY: ALIANDO O RIGOR DA DESCRIÇÃO LINGÜÍSTICA ÀS FUNÇÕES DE COMPREENSÃO E PRODUÇÃO**

### ***COLLINS COBUILD INTERMEDIATE LEARNER'S DICTIONARY: COMBINING A RIGOROUS LINGUISTIC DESCRIPTION WITH RECEPTION AND PRODUCTION***

**Laura Campos de Borba**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

lauracborba@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5316-9334>

## Resumo

Esta resenha apresenta a quarta edição do dicionário *Collins Cobuild Intermediate Learner's Dictionary* (HANDS; MACAULAY, 2018). Primeiramente, comentam-se os princípios que fundamentaram a compilação da obra. Em seguida, estabelece-se um paralelo entre os segmentos informativos dos verbetes e as funções de compreensão e produção. Finalmente, chama-se a atenção para informações nas páginas finais da obra que são potencialmente úteis para auxiliar em tarefas de produção. Conclui-se que o dicionário descreve a língua inglesa de maneira magistral. Contudo, o aprendiz precisa ter um conhecimento considerável da gramática do inglês para consultá-lo. Entre os aprendizes brasileiros, talvez o estudante de graduação em Letras-ínglês e os professores de inglês sejam os que melhor podem tirar proveito da obra.

**Palavras-chave:** Dicionário de aprendizes; Língua inglesa; Aprendizagem de língua estrangeira.

## Abstract

*This book review presents the fourth edition of Collins Cobuild Intermediate Learner's Dictionary (HANDS; MACAULAY, 2018). First, the analysis focus on principles that underlie the compilation of this dictionary. Then, information in the articles is correlated with the linguistic functions of reception and production. Finally, information on the final pages of the dictionary is remarked on, especially their usefulness to production tasks. In conclusion, Collins Cobuild Intermediate Learner's Dictionary magisterially describes the English language. However, the user may have considerable knowledge of English grammar to consult it. Among Brazilian learners, perhaps BA students in the English language and English teachers are the ones who can have the benefit of the dictionary.*

**Keywords:** Learner's dictionary; English language; Foreign language learning.

*Collins Cobuild Intermediate Learner's Dictionary* (HANDS; MACAULAY, 2018), doravante CCID4 (2018), propõe-se a seguir com a tradição da linha Cobuild de refletir a língua em uso, por um lado, e atender às necessidades do consulente, por outro – embora esse segundo aspecto fique muito mais claro nas páginas finais do dicionário do que nos seus verbetes. Os comentários que seguem referem-se a essas duas dimensões do CCID4.

O reflexo da língua inglesa em uso, ou “how the real English works” [como o verdadeiro inglês funciona] (CCID4, 2018, p. vii), é repetidas vezes mencionado no texto introdutório ao dicionário, bem como na sua contracapa, para promover o CCID4 (2018). Segundo consta na introdução (p. vii), o Collins Corpus, com suas 4,5 bilhões de palavras, é a base de dados a partir da qual se selecionam as palavras-entrada, identificam-se e ordenam-se os significados que dão origem às acepções, elegem-se definidores para as paráfrases explanatórias e extraem-se os exemplos que acompanham as acepções. De fato, essa metodologia de descrição baseada em *corpus* já está legitimada na tradição lexicográfica inglesa – a exceção, talvez, dos exemplos, que dividem opiniões sobre a extração do *corpus* com ou sem adaptações, ou se poderiam ser inventados.

É também com base no Collins Corpus que o CCID4 (2018) informa o consulente quais são as 3.100 palavras mais frequentes no inglês. Além de uma lista completa nas páginas finais do CCID4 (2018), os lemas correspondentes a esse conjunto de palavras recebem destaque com cor diferenciada no decorrer da macroestrutura. O que não ficam claro é o que levou os lexicógrafos a ajustarem o ponto de corte em 3.100 – e não 3.000 ou outro número.

Além da descrição da língua inglesa em uso, o CCID4 (2018, p. vii) também se apresenta como expoente de uma “long-established user-friendly tradition” [tradição didática de longa data] ao se referir à linha Cobuild. Primeiramente, os editores definem o usuário como alguém que se encontra no nível B1 ou superior – não se sabe se de proficiência ou de aprendizagem – segundo a escala do *Common European Framework of Reference (CEFR)*. Contudo, não fica claro o que isso significou em termos de seleção de informações a partir do Collins Corpus, isto é, qual foi o ponto de corte para selecionar palavras-entrada e acepções. Certamente foi aplicado algum critério, já que se trata de um dicionário com menor volume que o seu correspondente para aprendizes avançados, mas não se sabe se está relacionado às necessidades do usuário ou se foi adotado algum tipo de frequência mínima – novamente sem que se saiba qual e por quê – desvinculada do usuário.

Em segundo lugar, ainda na introdução, os editores esclarecem que o CCID4 (2018) é uma obra para quem precisa resolver tarefas de compreensão e produção (p. vii). A maior parte dos segmentos informativos presentes nos verbetes são bifuncionais, ou seja, auxiliam, em maior ou menor medida, tanto na resolução de dúvidas de compreensão como de produção. Os comentários que seguem se referem mais especificamente aos segmentos informativos relativos ao significado das unidades léxicas, pois é nessa dimensão que o CCID4 (2018) manifesta parte considerável dos seus intentos de ser *user-friendly*.

A paráfrase explanatória, também chamada *definição*, é um segmento informativo altamente

bifuncional e ao qual estão subordinados outros segmentos informativos, como padrões morfossintáticos, coligações, exemplos, marcas de uso, sinônimos e colocações. Em função dessa variedade de informações incluídas ou relacionadas às paráfrases, esse segmento informativo, que normalmente está associado à função de compreensão, no CCID4 (2018), é fundamental para a função de produção.

Em verbetes polissêmicos, que possuem mais de uma acepção, as paráfrases aparecem antecedidas de rótulos gramaticais (*grammatical labels* no original), isto é, códigos relativos à classificação morfológica (verbo, substantivo, adjetivo, etc.) e subcategorias morfológicas (verbo modal, verbo de ligação, substantivo próprio, etc.). Em diversos casos, aparecem informações complementares, tais como flexão (substantivos contáveis e não contáveis, *singularia tantum* e *pluralia tantum*), padrões de complementação verbal (transitividade, voz passiva, *phrasal verbs*) e posicionamento sintático (adjetivos antes de substantivos ou após verbos de ligação). A essas informações, acrescentam-se códigos de fraseologias e unidades e combinatórias léxicas que são usados para expressar atos de fala.

No total, o CCID4 (2018) emprega 31 códigos dessa natureza para introduzir as paráfrases explanatórias, os quais estão listados, elucidados e exemplificados nas páginas iniciais da obra (p. xvii-xxi). Os rótulos gramaticais manifestam na prática o que, nos estudos lexicológicos, Igor Mel'cuk e os demais estudiosos da Teoria Sentido-Texto (MEL'CUK; MILICÉVIC, 2014, p. 33-35) propõem como dimensão tríplice, e não apenas dicotômica, do signo linguístico – isto é, não somente significante e significado, mas, estes, associados a padrões morfológicos e sintáticos. No âmbito da compreensão, os códigos em questão funcionam como mecanismo de busca de paráfrases explanatórias a partir do padrão gramatical com que são usadas. Já no âmbito da produção, os códigos esclarecem como expressar um determinado significado em termos de morfologia e sintaxe.

Embora sumamente interessantes do ponto de vista da descrição linguística, os rótulos gramaticais podem ser difíceis de interpretar, tanto em função do conhecimento gramatical que requerem como, também, da identificação dos referentes dos códigos. Por um lado, o dicionário pressupõe que o consulente tenha conhecimento das noções gramaticais salientadas ou que vá estudá-las nas páginas iniciais do CCID4 (2018, p. xvii-xxi); por outro lado, a obra requer que o consulente memorize essa lista de códigos ou que consulte suas legendas nas páginas iniciais da obra quando tiver dúvidas. Tais ressalvas adquirem uma importância fundamental se se tem em vista que os rótulos gramaticais são, conforme comentado acima, o mecanismo de localização de significados. Soma-se ainda a essas observações o fato de que, por priorizar a ordenação de acepções a partir do significado

mais frequente ao menos frequente, conforme o Collins Corpus, e no contrafluxo de dicionários de aprendizes de inglês de outras linhas editoriais, o CCID4 (2018) abriga sob um mesmo verbete manifestações de distintas classes morfológicas. Assim, no verbete *date*, por exemplo, as acepções 1, 6 e 8 se referem à manifestação como substantivo contável (“N-COUNT”)<sup>92</sup>; as acepções 2, 3 e 7 são relativas à manifestação como verbo transitivo (“V-T”); a 4 como fraseologia (“PHRASE”); e a 5 como verbo intransitivo (“V-I”) – nesse caso, cabe observar que a divergência do conceito de verbo intransitivo no inglês em relação ao português pode confundir o consulente brasileiro. Ainda que os dicionários Cobuild partam da premissa de que uma hierarquia de significados por frequência e, independente da classe morfológica, favorece a localização de acepções mais usadas no inglês, esse método termina exigindo um esforço maior do consulente que esteja acostumado a dicionários de aprendizes de inglês que separem em diferentes verbetes categorias morfológicas distintas.

As paráfrases explanatórias, por sua vez, estão incumbidas não somente de elucidar significados, como também de assinalar em negrito padrões coligacionais, especialmente quando o lema ocorre junto de uma palavra gramatical. Também reforçam os códigos gramaticais que as introduzem, destacando-os em negrito. No verbete *dare* [atrever-se; desafiar; ousar], por exemplo, as acepções 1 e 2 introduzem os padrões gramaticais de *dare* no início de cada paráfrase explanatória: “1 V-T & MODAL If you **dare to** do something, you have enough courage to do it. [...] 2 V-T & N-COUNT If you **dare** someone **to** do something, or challenge them to do it **for a dare**, you challenge them to prove that they are not frightened of doing it. [...]”<sup>93</sup> (CCID4, 2018, s.v. *dare*. Negrito no original). Nota-se que a valência também está presente, embora não receba destaque tipográfico. Tais informações são extremamente úteis para fins de produção; a sua inclusão dentro da paráfrase e destaque em negrito é uma alternativa interessante de apresentação de padrões gramaticais (ou melhor, de certos tipos de combinatória léxica) sem sobrecarregar o verbete e, ao mesmo tempo, chamando a atenção do consulente. Os exemplos que seguem as paráfrases explanatórias servem como mecanismo explanatório auxiliar da paráfrase e reforçam os padrões gramaticais.

Após a sucessão de acepções, alguns verbetes contam com pós-comentários, isto é, informações que se julgam pertinentes apresentar ao usuário. Esses espaços são empregados principalmente para indicar sinônimos, colocações, notas de uso e campos léxicos, isto é, informações pertinentes para tarefas de produção. Os sinônimos são discriminados conforme a acepção a que se

<sup>92</sup> O código para substantivos contáveis é “N-COUNT” enquanto o código para os não contáveis é “N-UNCOUNT”.

<sup>93</sup> [1 V-T & MODAL Se você se **atreve a** fazer algo, você tem coragem suficiente para fazê-lo [...] 2 V-T & N-COUNT Se você **desafia** alguém **a** fazer algo, ou o desafia a fazê-lo **por provocação**, você o desafia a provar que não tem medo de fazê-lo]

referem, o que é um ponto positivo do CCID4 (2018); para distinções semânticas e morfossintáticas entre cada opção sinonímica, no entanto, é necessário recorrer aos verbetes correspondentes. As colocações também são discriminadas por acepções; além disso, e como divisão secundária, empregam-se fórmulas indicando a classe morfológica do colocado. No verbete *friend* [amigo], por exemplo, as colocações relativas à acepção 1 (“A friend is someone who you know well and like, but who is not related to you” [um amigo é alguém que você conhece bem e de quem gosta, mas que não é parente seu]) aparecem sob as fórmulas “noun + friend” [substantivo + friend] e “adjective + friend” [adjetivo + friend] (CCID4, 2018, s.v. *friend*). As notas de uso contêm informações sobre erros de aprendizes nos âmbitos semântico, gramatical e fonológico. Há um alerta inicial sobre o que não se deve fazer, seguido de um exemplo errôneo e outro correto, como no verbete *demand* [exigir; demandar]: “When demand is a verb, don’t use ‘for’ after it. Don’t say, for example, ‘~~They are demanding for higher wages~~’. Say ‘They are demanding higher wages’”<sup>94</sup> (CCID4, 2018, s.v. *demand*, usage. Destaques no original). Os campos léxicos, por sua vez, referem-se às palavras relacionadas ao lema. Por um lado, usam-se ilustrações em um quadro chamado “Visual dictionary” [Dicionário visual] para tratar de hipônimos (no verbete *boat* [barco], os tipos de barcos e navios) e relações de meronímia (no verbete *eye* [olho], as partes do olho). Por outro lado, usam-se pequenos textos com o propósito de salientar unidades léxicas e combinatórias léxicas que se relacionam com o lema das mais diversas maneiras, como hiponímia, meronímia, colocações, entre outros. No quadro “Vocabulary in context” [Vocabulário contextualizado] do verbete *crime* [crime], por exemplo, aparecem destacadas em negrito as palavras e combinatórias *burglary* [roubo], *robbery* [roubo], *cybercrime* [crime cibernético], *violent* [crimes] [crimes violentos], *criminal* [criminoso], *identity theft* [roubo de identidade], [crimes] *committed* [crimes cometidos], *gradual fall* [queda gradual], [to] *have money stolen* [ter seu dinheiro roubado], entre outras. Trata-se de textos relativamente curtos (há 123 palavras no texto de *crime*, por exemplo), que recordam os de um livro didático e que são apresentados como uma inovação para aproximar a obra do usuário. Aparentemente, trata-se de textos inventados, já que não possuem referência. Esse fato é um tanto curioso para um dicionário que enfatiza diversas vezes o papel central que o Collins Corpus ocupa no processo de compilação da linha Cobuild (“The corpus lies at the heart of each entry” [O *corpus* está no coração de cada entrada]).

Finalmente, não se pode deixar de mencionar o conteúdo que o CCID4 (2018) apresenta em

<sup>94</sup> [Quando exigir é um verbo, não use ‘por’ depois dele. Não diga, por exemplo, ‘Eles estão exigindo por salários mais altos’. Diga ‘Eles estão exigindo salários mais altos’]

suas páginas finais: um guia de estilo (“Writing style guide”), um apanhado de expressões linguísticas de funções comunicativas (“Language in use”), um compêndio gramatical (“General grammar guide”), uma lista com as 3.100 palavras mais frequentes do inglês (“Frequent words”) e uma lista com palavras do âmbito acadêmico (“Academic word list”). As duas primeiras seções são, sem dúvidas, as mais interessantes. O guia de estilo trata dos efeitos de sentido de certas escolhas na escrita. Entre os temas tratados, constam: *plain English*<sup>95</sup> [inglês simples], pontuação, clichês, redundância, ambiguidade, registro (formal, neutro e informal), tom, ênfase, números, datas, abreviaturas e acrônimos, boas maneiras para evitar discriminação por raça, religião ou sexo e para dirigir-se a pessoas com deficiência. A seção “Language in use”, por sua vez, assemelha-se ao que o CEFR (2001), por exemplo, denomina de funções comunicativas. Nela constam orientações sobre como expressar atos de fala (sugerir, oferecer, solicitar, aconselhar, comparar, opinar, concordar, discordar, recusar, desculpar-se, explicar, convidar, agradecer) e modalidade (possibilidade, impossibilidade, probabilidade, certeza, dúvida, habilidade, inabilidade). Também há orientações sobre como se expressar em determinados gêneros discursivos (texto argumentativo, postulação a vaga de trabalho, correspondências de negócios e serviços, correspondências pessoais e formais, entre outros). Tanto o guia de estilo como as funções comunicativas oferecem um arrazoado de temas vinculados, em sua maioria, à dimensão discursiva da língua, isto é, um âmbito que foge ao tipo de informações passíveis de serem contempladas por um verbete de dicionário. Sob a perspectiva do usuário, são de grande valia para auxiliar na resolução de tarefas comunicativas que envolvam produção.

CCID4 (2018) é um dicionário que se destaca pelo louvável esforço por descrever a língua inglesa em seus diversos níveis de organização. Atribui-se uma especial atenção ao eixo sintagmático e à função de produção linguística, ampliando-se o potencial de auxílio da obra. A principal ressalva diz respeito ao quão compreensíveis são as informações dos verbetes para um estudante de nível B1, seja de aprendizagem ou de proficiência – aliás, a que se refere o nível “B1+” é outro aspecto que o dicionário não esclarece. A crítica se refere mais precisamente aos códigos gramaticais, os quais, tal como comentado anteriormente, são numerosos, potencialmente difíceis de memorizar e, ao mesmo tempo, fundamentais pela sua condição de mecanismo de localização de significados. Talvez, um consultante com mais experiência de estudo gramatical do inglês, como o estudante do curso de Letras-

---

<sup>95</sup> *Plain English* é um movimento em prol de uma linguagem clara e concisa em documentos de órgãos governamentais e outras entidades interessadas. Conforme consta em seu *site* oficial (<http://www.plainenglish.co.uk>), o objetivo do movimento é fazer campanha contra o uso de jargões, linguagem formal de difícil compreensão [gobbledygook] e a disseminação de informações enganosas.



inglês e o professor de inglês, por exemplo, estejam mais preparados para lidar com os códigos gramaticais empregados pelo CCID4 (2018) e consigam, assim, tirar mais proveito da obra.



## Referências

CCID4. HANDS, Penny; MACAULAY, Alison (eds.). *Collins Cobuild Intermediate Learner's Dictionary*. 4. ed. Glasgow: HarperCollins, 2018. 920 p.

CEFR. COUNCIL OF EUROPE. *Common European Framework of Reference for Languages: learning, teaching, assessment*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. Disponível em: <https://rm.coe.int/1680459f97>. Acesso em: 17 ago. 2020.

MEL'CUK, Igor; MILICÉVIC, Jasmina. La langue naturelle. In: MEL'CUK, Igor; MILICÉVIC, Jasmina. *Introduction à la linguistique*. Vol. 1. Paris: Hermann Éditeurs, 2014. Chapitre 1, p. 29-61.

Plain English Campaign. *About us*. Disponível em: <http://www.plainenglish.co.uk/about-us.html>. Acesso em: 17 ago. 2020.

**Submissão: setembro de 2020**

**Aceite: dezembro de 2020**